

Magnífico Reitor da Universidade Técnica de Lisboa

Magnífico Reitor da Universidade de Lisboa

Exm^{os} Senhores Vice-Reitores e Pró-Reitores da Universidade Técnica de Lisboa e da Universidade de Lisboa

Exm^o Senhor Presidente do Conselho Geral da Universidade Técnica de Lisboa

Exm^a Senhora Presidente do Conselho Geral da Universidade de Lisboa

Exm^o Senhor Presidente do Conselho de Escola do ISEG

Exm^o Senhor Presidente do ISEG

Exm^{os} Senhores Antigos Reitores e Vice-Reitores da Universidade Técnica de Lisboa, da Universidade de Lisboa e de outras Universidades

Exm^{os} Senhores Presidentes de Órgãos de Gestão de Escolas da Universidade Técnica de Lisboa e da Universidade de Lisboa e autoridades académicas e representantes de outras instituições de Ensino Superior

Senhoras e Senhores Professores, Funcionários e Estudantes

Caros Familiares, amigos, colegas e ex-alunos da Professora Manuela Silva

Senhoras e Senhores convidados

Hoje é um dia grande, para a Universidade Técnica de Lisboa, para a futura Universidade de Lisboa, para o ISEG e para o País. Sob proposta aprovada por unanimidade pelo Conselho Científico do ISEG, a Universidade Técnica de Lisboa vai hoje reconhecer o elevado mérito e serviços prestados à Ciência, à Cultura e à Universidade pela Prof. Manuela Silva.

Senhor Reitor.

Vou pedir a V. Ex^a que seja atribuído, à Prof. Manuela Silva, o grau de doutor “Honoris Causa” por esta Universidade. É o reconhecimento máximo que a Universidade concede a quem reconhece mérito científico, profissional e pessoal.

Exm^a Senhora Professora Manuela Silva.

É uma enorme honra para todos nós que hoje esteja aqui connosco, na Escola a que pertence, por direito. E é para mim um enorme privilégio estar neste lugar, nas funções que hoje fui chamado a desempenhar, de apresentar, perante todos, a justificação para a atribuição deste grau académico.

Permita-me, Senhor Reitor, que lhe fale sobre a Prof^a Manuela Silva.

Maria Manuela da Silva nasceu em Cascais.

Depois de cursar a Escola Comercial de Ferreira Borges e o Instituto Comercial de Lisboa, ingressou no ISCEF, Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras da Universidade Técnica de Lisboa, atual ISEG, em 1949. No ano em que, neste instituto, se procedeu a uma profunda reforma dos cursos de licenciatura, e à criação das licenciaturas em Economia e em Finanças, com a duração de cinco anos.

No ano letivo de 1953/54, a Faculdade de Economia da Universidade do Porto iniciaria o seu funcionamento. Passaria a haver, em Portugal, duas Escolas de Economia: O ISCEF e a FE da Universidade do Porto. Nesse mesmo ano o ISCEF iria diplomar os primeiros portugueses licenciados em Economia. Foram quatro (4) nesse ano. Um desses licenciados era uma senhora. Chamava-se Maria Manuela da Silva. Com a classificação mais elevada (17,3 valores).

Maria Manuela Silva seria, assim, a primeira senhora a obter, em Portugal, o grau de licenciada em Economia por uma Universidade Portuguesa.

Manuela Silva voltaria à Escola onde se licenciou, anos mais tarde, em 1970, como docente. Segundo N. Valerio et al. , “foi a primeira senhora a desempenhar funções de professora em escolas de ciências económicas em Portugal” (Valério, 2011, fn 12, p. 125).

Manuela Silva viveu a Revolução de 1974 também no ISCEF, que nessa altura se chamava ISE, Instituto Superior de Economia. Como foi deliberado numa Assembleia de Escola realizada em Julho de 1974, o ISE era “uma unidade de trabalho integrando estudantes em diferentes etapas de formação (discentes, docentes, investigadores)”. Manuela Silva, que tinha sido das primeiras estudantes da Reforma de 1949, viria a ser protagonista de uma segunda reforma, esta quase-revolucionária, em 1974, quando foi encarregada, pela então Direção da Escola, de presidir a uma Comissão Técnica de Coordenação Pedagógica Global Provisória, que devia fixar os programas letivos dos cursos. Viria a ser Presidente do Conselho Pedagógico da nossa Escola entre 1982 e 1985. A educação foi matéria que sempre a interessou: foi Presidente do Instituto de Tecnologia Educativa em 1974 e 1975 e foi Inspetora-geral da Educação entre 1975 e 1993.

Quando se licenciou, Manuela Silva poderia ter iniciado a sua carreira profissional como docente universitária. Para isso tinha a formação, a vontade e a nota de licenciatura. Mas não quis o destino que assim tivesse sido. Ou não o quiseram os homens, que no seu tempo tinham poder. Os primeiros cinco anos da sua carreira foram passados no Ministério das Corporações e Previdência Social, nos Serviços

de Ação Social e no Centro de Estudos Sociais e Corporativos da Junta de Ação Social. Estou a referir-me ao período que decorre entre 1955 e 1960. São deste período as suas primeiras publicações científicas. Num país em que havia poucas publicações nas áreas das ciências sociais. Destaco as seguintes, pela importância que tiveram, para a época e para o estudo que se queira fazer hoje sobre essa época:

“Contribuição ao estudo do salário na indústria transformadora portuguesa”, in Revista do Centro de Estudos Económicos, 1956

“Sobre análise económica do salário”, Revista de Estudos Corporativos, 1957

“O salário e a reforma da empresa”, Revista de Estudos Corporativos, 1957

“O rendimento do trabalho e a política de relações humanas”, Revista de Estudos Corporativos, 1958

“O problema da comunicação na empresa”, Revista de Estudos Corporativos, 1958

“Critérios económicos e fixação de salários nas economias livres”, Revista de Estudos Corporativos, 1959

“Sobre o princípio de ‘trabalho igual salário igual’”, Revista de Estudos Corporativos, 1960

“A programação do serviço social e a industrialização”, Revista de Estudos Corporativos, 1960

Em cinco anos publica oito artigos sobre questões económicas, em que o tema “salário” é dominante, na sua perspetiva de análise económica e de relevância para a gestão empresarial. São artigos marcantes, que hoje se leem com agrado. Predomina a sua publicação na Revista de Estudos Corporativos. O Gabinete de Estudos Corporativos tinha sido criado em 1949, pelo regime político de então, ainda que a direção científica pertencesse a um professor do ISCEF. A Revista de Estudos Corporativos era a única onde um jovem investigador em ciências sociais poderia publicar. Muito poucos o faziam. Manuela Silva era uma delas. Em 1962 este Gabinete seria extinto, tendo sido criado, em sua substituição, o Gabinete de Investigações Sociais, onde Adérito Sedas Nunes deu contributos significativos e decisivos para o nascimento da Sociologia em Portugal. Surge a Análise Social como revista de referência nas áreas de ciências sociais e dissemina-se o ensino da sociologia, a partir dos anos 70s, por outras escolas do país, algumas das quais seriam criadas nessa época.

Manuela Silva, uma vez mais, está presente na fase de rejuvenescimento da investigação social e da análise da economia portuguesa nos anos 60s e 70s. Na *Análise Social* aparecem, de novo, nesta época, publicações marcantes de Manuela Silva, num ambiente académico novo, renovado cientificamente pelo aparecimento de jovens investigadores e professores universitários nas áreas da economia e da sociologia e de reflexão crítica sobre o modelo económico e social português. A *Análise Social* era o fórum privilegiado para a publicação dessa reflexão. Destaco quatro publicações, pelo significado que eu lhes atribuo no percurso profissional e académico de Manuela Silva nessa época:

“Oportunidade do desenvolvimento comunitário em Portugal”, *Análise Social*, 1964.

“Assimetrias espaciais do progresso no continente português”, *Análise Social*, 1964.

“O desenvolvimento económico e a política social”, *Análise Social*, 1970.

“Os discursos de planificação social e os sistemas de exclusão que os demarcam”, *Análise Social*, 1976.

Os domínios de análise, mas também de actuação política, que estas publicações deixam antever são: o desenvolvimento comunitário, as assimetrias e desigualdade da distribuição do rendimento, o crescimento e o desenvolvimento económico português, o planeamento económico, a política social, a pobreza e a exclusão social. A todas estas temáticas (e pelo menos estas) Manuela Silva dedicou atenção como cientista social, como professora universitária, como técnica, como coordenadora de equipas e até como responsável política. Vejamos algumas das mais significativas.

Manuela Silva desempenhou um papel de grande importância na criação de equipas orientadas para a ação em desenvolvimento comunitário no início da década de 60. É um período de grande atividade de promoção do desenvolvimento de âmbito local, tirando partido das potencialidades endógenas das comunidades locais. É um período de valiosa experimentação e inovação social e de alguma abertura política à intervenção social. Foi um período de grande atividade da administração pública e de intervenção dos técnicos. Manuela Silva enquadrou-se nessa renovação e, depois de ter criado e coordenado a equipa de estudos e experimentação em desenvolvimento comunitário na Associação Industrial Portuguesa (entre 1960 e 1964) foi, durante cinco anos, entre 1965 e 1970, Chefe de Serviço de Promoção Social Comunitária do Instituto de Assistência à Família e Diretora do Gabinete de Estudos Sociais da Direção Geral da Assistência.

Se a sua ação marcou a Administração Pública e os funcionários públicos que trabalharam sob a sua coordenação, não marcou menos os estudantes universitários que com ela aprenderam sobre a sua experiência, sobre a teoria de suporte à ação da política social e à sua avaliação. E foram vários, e muitos, os alunos que tiveram esta experiência. Isto aconteceu desde o início dos anos 70, no Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa e de Coimbra (destinados à formação de assistentes sociais), na Escola Nacional de Saúde Pública (destinada a administradores hospitalares) e, claro, no ISE/ISEG, destinado à formação de economistas. Iniciou neste Instituto funções docentes em 1970, criando e/ou reorganizando e lecionando as disciplinas de Planeamento Social, Teoria e Técnicas de Planeamento e Política Económica, da licenciatura em Economia, e de Planeamento, do Mestrado em Economia. Foi também responsável pela criação, no final dos anos 80 e início dos anos 90, de um curso de pós-graduação em Economia e Política Social e um mestrado com a mesma designação.

Aposentar-se-ia, como Professora Catedrática Convidada do ISEG, em 1993. Mas manteve sempre, com o ISEG e com a Universidade Técnica de Lisboa, um estreito relacionamento, como membro do Conselho Geral da Universidade Técnica de Lisboa. Viveu assim, e protagonizou, mais um processo *bottom-up* de mudança institucional: a fusão da Universidade Técnica de Lisboa e da Universidade de Lisboa.

A investigação foi uma preocupação sempre presente na sua vida, quer fazendo-a diretamente, quer lançando ideias fecundas para que outros a fizessem ou, de forma muito ativa e esclarecida, coordenando equipas de investigação. Sempre com um enorme sentido de oportunidade social e científica na sua realização. Foi, mais uma vez, também pioneira nos estudos sobre desigualdade da repartição do rendimento e sobre a pobreza em Portugal, bem como questões de igualdade de género. A Manuela Silva se deve a realização das primeiras tentativas de medição da pobreza em Portugal. E também a coordenação das primeiras obras de referência sobre a pobreza em Portugal e, em particular, da pobreza urbana em Portugal, nos anos 80. Integrou várias equipas e realizou relevante trabalho de consultadoria no âmbito do BIT, do Conselho da Europa e da União Europeia.

Foi diretora de Centros de Investigação e, por onde passou, deixou marcas indeléveis do seu pensamento sobre o que deve ser a investigação e do lugar que deve ser dado aos jovens investigadores no progresso do saber, nas várias áreas científicas relevantes para o conhecimento da realidade social do país. Foi orientadora de doutoramento de vários jovens assistentes, que sempre, e todos, se sentiram gratos pelo estímulo que deu aos seus trabalhos. Manuela Silva foi sempre vista, por todos eles, como a colega mais velha cuja autoridade se respeita.

E que não precisa de fazer esforço algum para se sentir respeitada. Foi membro fundador e vogal da 1ª Comissão Diretiva do Centro de Investigação Sobre Economia Portuguesa, CISEP, nos anos 70. Numa época em que a investigação em ciências sociais em Portugal era incipiente, os centros de investigação uma raridade, e os recursos existentes muito escassos. Foi marcante, e ainda hoje recordada por quem a viveu, a mobilização de meios humanos conseguida na realização da Conferência sobre Evolução Recente e Perspectivas de Transformação da Economia Portuguesa do CISEP, em 1983, por um conjunto de jovens assistentes que Manuela Silva estimulou. Foi diretora do Departamento de Pesquisa Social do Centro de Reflexão Cristã, nos anos 80, onde desde sempre houve uma grande concentração da investigação social em Portugal. Foi diretora da Revista Estudos de Economia do ISEG, entre 1982 e 1989. Numa época em que surgiam, em Portugal, os primeiros jovens doutorados em Economia, com os seus graus maioritariamente obtidos no estrangeiro, e que alimentavam de conteúdo científico uma das muito poucas revistas científicas de Economia do país.

Manuela Silva foi, em toda a sua atividade profissional, como economista, técnica e cientista social, pioneira na sua ação e nas ideias que defendeu. Foi também, em muitas opções que tomou e decisões de que foi responsável, uma professora de grande prestígio, que todos os alunos, em várias gerações, aprenderam a respeitar e a continuar a obra que lhes legou. Também na sua atividade política e cívica a sua ação se fez, e continua a fazer, notar. Todos recordam a sua ação como Secretária de Estado do Planeamento do I Governo Constitucional, em 1976-77. Nunca, depois destes anos, sob a sua responsabilidade, a Administração Pública fez tanto, de tão importante, com tantos e em tão pouco tempo. A ela se deve esta experiência, de implementação de um plano de desenvolvimento centrado numa estratégia (a estratégia das necessidades básicas), de que alguns poderão discordar mas que se pode dizer ter sido coerente e consistentemente preparada pela Administração Pública.

Foi Presidente da Comissão Nacional Justiça e Paz, entre 2006 e 2008. Organismo laical da Conferência Episcopal Portuguesa que se dedica ao estudo e divulgação da doutrina social da Igreja, e análise dos problemas relativos ao desenvolvimento dos povos, dos direitos humanos, da justiça e paz dos povos, à luz do Evangelho. É a ação do economista e universitário católico, laico mas empenhado, no seu olhar crítico sobre o mundo e sobre a gestão que os homens dele fazem. Todos recordamos, neste âmbito, a sua ação cívica ao lançar, sobre a Assembleia da República, o repto de tomar posição política sobre as questões da justiça exigida no esforço necessário à erradicação da pobreza no nosso país.

Podemos acompanhar os seus escritos, enquanto Presidente da Fundação Betânia, usando os meios que as novas tecnologia nos permitem.

Todos reconhecemos o mérito da sua ação atual, como economista e professora Universitária, marcada pela doutrina social da Igreja, de que é profunda conhecedora, na reflexão sobre o carácter sombrio da orientação da política económica a que todos nós, em Portugal, estamos a ser sujeitos, e a luz da esperança que não pode morrer em nenhum de nós, mesmo aos economistas, de que Portugal pode ter um futuro melhor, e merece ter uma melhor gestão das variáveis económicas.

Hoje dá-nos a “*alegria do sim*”, Prof^ª Manuela Silva.

Senhor Reitor da Universidade Técnica de Lisboa.

É por tudo isto, e por muito mais que o pouco tempo de que disponho não permite desenvolver, que se justifica a atribuição do doutoramento “*honoris causa*” pela Universidade Técnica de Lisboa à Prof^ª Maria Manuela Silva.

Muito obrigado pela vossa atenção.

José António Correia Pereirinha

Professor Catedrático

21 de Junho de 2013